

10.

Metáforas do discurso único, metonímias das culturas do trabalho¹

Roseli Figaro²

ECA-USP – Escola de Comunicação e Artes da
Universidade de São Paulo

ALVES, de Luiz Roberto, **Trabalho Cultura e bem-comum** (Leitura Crítica Internacional). São Paulo: AnnaBlume, 2008.

-
1. Uma primeira versão deste artigo foi publicada na Revista do Instituto de Estudos Avançados da USP, vol.23 no. 66. São Paulo, 2009.
 2. Professora Livre-docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. É coordenadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho; pesquisadora do Núcleo de Pesquisa da USP Comunicação e Censura e do Grupo de Pesquisa do Arquivo Miroel Silveira. É editora da Revista Comunicação & Educação. Publicações: As mudanças no mundo do trabalho do jornalista (2013), Comunicação e Análise do Discurso (2012), Teatro, comunicação e sociabilidade: uma análise da censura ao teatro amador em São Paulo (2011), Relações de Comunicação no mundo do trabalho (2008) entre outros. Email:Figaro@uol.com.br

Introdução

Neste artigo, destacamos a trajetória de Luiz Roberto Alves, como atualizador das Ciências da Comunicação, por meio de sua obra: *Trabalho Cultura e bem-comum (Leitura Crítica Internacional)*, de 2008, publicada pela Editora AnnaBlume.

Luiz Roberto é professor há 40 anos. Foi também meu professor no curso de pós-graduação da ECA-USP. Atuou na educação do ensino fundamental público (no qual ensinou língua portuguesa e literatura) até a supervisão em pós-doutoramento no campo de políticas públicas e processos de comunicação.

Foi professor na Escola de Comunicações e Artes da USP. Na Cátedra Celso Daniel de Gestão de Cidades, na Universidade Metodista de São Paulo, trata dos temas Culturas Urbanas, Processos de Mobilização Social e Políticas de Governo e Estado. Na área de Administração Pública e Educação, é especialista em cultura popular, políticas urbanas participativas, governança local/regional, comunicação comunitária e cidadania. Desde 2012, é membro do Conselho Nacional de Educação, CNE.

Ele publicou inúmeras obras entre as quais os últimos artigos são: *Ciência e consciência, conhecimento e liberdade*. Estudos Avançados (USP. Impresso), v. 26, p. 321-338, 2012. *Tornar comum a cidadania: raízes antropológicas na vivência comunicativa*. Comunicação & Sociedade, v. 57, p. 129-147, 2012. E os Livros: *Políticas de Governança*. São Bernardo do Campo: MP Editora Ltda., 2011. v. 1.000. 120p. ALVES, L. R. (Org.); Anderson Rafael Nascimento (Org.). *Políticas Públicas, construção, fortalecimento e integração*. São Paulo: Annablume - Fapesp, 2009. v. 500. 287p. ALVES, L. R. (Org.); Carvalho Marcelo (Org.). *Cidades, identidade e gestão*. São Paulo: Saraiva, 2009. v. 1000. 270p. *Art Media Culture*. Kassel: Kassel University Press, 2008. 359p.

Metáforas do discurso único

Em sua obra, Luiz Roberto Alves desarma as armadilhas discursivas que os asseclas do fim da história e da globalização disseminaram por todos os Continentes. O autor mostra como os sinuosos discursos da autoridade de instituições como a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico, OCDE, assessora do G-8, foram construídos para simular a unanimidade e a

supremacia do mercado em contraposição ao estado de bem-estar social e às experiências dos trabalhadores na luta por direitos e dignidade. Tais simulacros discursivos açambarcaram governos e lideranças, jogando-os aos pés do Midas sistema financeiro, responsável pela atual crise internacional.

Nas palavras do Autor,

[...] no processo estudado, entre 1990 e 2005, ocorreu um roubo de linguagens da sociedade ocidental, que vitimou – e vítima – exatamente os valores que poderiam reencaminhar as governanças saídas da guerra fria, isto é, os valores culturais do trabalho decente, dos bens sociais tornados bens comunitários e da diversidade sócio-política no tratamento da economia, das finanças e das políticas sociais. (ALVES, 2009)

Como salienta Alves, a linguagem é a arena onde se travam as batalhas sobre as estratégias persuasivas que transformam interesses privados em acordos econômicos e políticos a serem seguidos como manuais de boas condutas em nível internacional. O Autor entra nesta seara para esmiuçar as camadas de sentidos que estão subsumidas por uma lógica que se tornou mito: *o mais forte é o que sobrevive à concorrência do mercado*. Este último, tido como entidade onipresente e onisciente, fator de seleção natural.

Buscar nos textos as lógicas comunicativas reveladoras dos lugares sociais dos quais falam seus enunciadores faz parte de uma tradição intelectual com a qual comunga Luiz Roberto Alves. Este, ao aplicar os referenciais da sócio-semiótica aos objetos discursivos da OCDE, reunidos na série *Economic Outlook*, mostra-nos como os fundamentalismos econômicos foram arquitetados como castelos de cartas, vazios da experiência coletiva construída no processo político de diversidade de vozes necessárias à civilização humanista.

Ao propor-se o empreendimento de desvendar os sentidos dos discursos da orientação neoliberal, busca em Roland Barthes os aportes teóricos para demonstrar como o sentido de uma palavra ou de um discurso pode ser esvaziado, tornando-se mito ou mítico. Assim, nos municia de esclarecimentos e nos dá armas certeiras sobre como lutar nessa arena. O signo é uma materialidade das relações sociais e como tal diz respeito a condições concretas de enunciação. Um discurso torna-se mítico quando, esvaziado de seu sentido primeiro, simula um outro cujo objetivo é obscurer ou obliterar as diferentes vozes e pontos de vista que circulam na sociedade.

Luiz Roberto Alves mostra como o discurso mítico da OCDE desqualifica o Estado de Bem-estar social e os direitos dos trabalhadores, conquistados

por suas entidades representativas em lutas históricas. Sobretudo, ele demonstra como as orientações contidas nos documentos do *Economic Outlook*, objeto de seu estudo, pretendem debelar as resistências e as vozes que enunciam discursos que se contrapõem à lógica da onisciência do mercado.

O apuro metodológico da análise, realizada por Alves, sustenta-se na abordagem criativa que ele faz das contribuições de Greimas e Jakobson a partir da característica básica da linguagem verbal de se constituir como rede de relações, na melhor tradição da semiologia Saussuriana. Se entre os eixos do paradigma e do sintagma de estruturação da linguagem a rede de relações se dá na lógica da semelhança, cuja seleção permite os fundamentos de uma morfologia; e da contiguidade, cuja combinatória possibilita as relações de sentido e a noção de processo, para o Autor estes eixos estão dissociados no discurso hegemônico contemporâneo. Tal dissociação se dá à medida que o paradigma se instituiu a partir de fundamentos cuja semelhança é simulada, não permitindo o progresso no sentido do bem-comum; e o sintagma está carente de elo para estabelecer nexos de sentido na sociedade globalizada, pois sua lógica tem os fundamentos falseados, o sentido encontra-se estilizado mais do que fragmentado.

Alves afirma:

Se as leituras de mundo e palavra considerarem o que está acontecendo desde o início dos anos 90 para o acúmulo organizacional, tem-se que há uma imposição de paradigmas econômicos, os quais determinam as políticas. Na sua implantação, destacam-se as submissões de governos aos mercados e, portanto, concretiza-se a privatização do que era bem comum. (ALVES, 2008:269)

Ou seja, os interesses de corporações e oligopólios internacionais são privilegiados e têm o poder de instituí-los como se fossem também interesses dos Estados nacionais, da sociedade, dos cidadãos.

O Autor lê os discursos da OCDE como paradigma, no qual as metáforas tornam-se falseadas, haja vista o valor metafórico que vocábulos tais como reestruturação, reengenharia e reciclagem adquirem ao estarem no lugar de outros sentidos, simulando uma mudança que realmente não houve. Objetivamente, o sistema econômico hegemônico aprofundou as formas de exploração do mundo do trabalho e não as esvaeceu.

Metonímias das culturas do trabalho

Se as metáforas, que móbiliam o espaço globalizado das transações neoliberais, constituem-se como mito; as metonímias da contiguidade sintagmática, dos discursos das centrais sindicais (CUT, brasileira, CGIL, italiana, e DGB, alemã) e dos discursos do Fórum Social Mundial, embora herdeiros de lutas vigorosas, mostram-se ainda desconectadas, pois os fundamentos dos valores que compuseram seu paradigma precisam ser reconstruídos, visto que as experiências metonímicas carecem tomar volume para enraizarem-se como eixo estruturante.

É do reencantamento que se precisa, destaca Alves. Reencantamento das experiências que têm potencial para reconectarem as esperanças em torno da palavra de ordem *trabalho decente*. Expressão de sentido forte, pois cunhada em fóruns coletivos cujas práticas desenvolvem-se em torno da economia solidária, dos orçamentos participativos e dos conselhos comunitários de representação direta. Como conceito-chave – trabalho decente – sintetiza experiências que têm em comum a presença das vozes dos interessados na enunciação discursiva que dá o status de cidadão àquele que se coloca na arena política.

Se há ou se houve uma avalanche de metáforas que tomaram o interesse privado pelo interesse público, apostam-se nas experiências concretas do movimento social dos trabalhadores, para o reencantamento do trabalho e daqueles que trabalham. Experiências vivenciadas por gerações, consubstanciadas nas culturas do trabalho e atualizadas na dinâmica que se dá pela relação do passado com o presente.

A possibilidade de vida futura sustentável para os homens e para o Planeta está em se desconstruir os sentidos do trabalho como mito-monstro e como *tripalium*, com o qual se torturavam os escravos, para reavê-lo no sentido de atividade humana, aquela que torna o homem um ser genérico, ser de si e para si, cidadão, cuja relação transcende o dualismo ensimesmado para constituir temas e figuras capazes de dialogar com a coletividade na perspectiva da construção do bem-comum.

É desses sentidos que nos fala Luiz Roberto Alves em sua obra. Nas palavras de Adilson Citelli³, o Autor realiza “um fino exercício analítico e intelectual”, expondo uma trajetória intelectual voltada à gestão mediadora de expressões

3. Citelli, Adilson. Apresentação. O trabalho em tempos do cólera. In: Alves, Luiz Roberto. Trabalho, cultura e bem-comum. (Leitura crítica internacional) São Paulo: Anna-Blume/Fapesp, 2008. p.12.

comunicativas capazes de ressignificar e atualizar experiências solidárias.

É muito oportuno retomar a leitura dessa obra em momento que o Brasil se depara com manifestações de todas as cores e reivindicações. Nos últimos anos, a maioria do povo brasileiro tem deixado claro sua intencionalidade ao manifestar-se nas urnas. As ruas também foram tomadas para reivindicar o direito de todos usufruírem a cidade, o progresso e as riquezas produzidas pelo avanço tecnológico e científico. Há mais possibilidades de as vozes populares virem à cena, tomar seu lugar de protagonista. A polifonia de discursos e vozes vai se intensificando para fortalecer o espaço de interlocução, no doloroso, mas necessário, processo de lembrar as mazelas para se libertar delas.

Por isso, é preciso denunciar aqueles que desejam voltar atrás, aqueles que não querem as comissões da verdade; não querem escola e saúde públicas de qualidade, pois perdem oportunidade de negócios e verbas públicas para seus oligopólios. Esses também simulam o discurso dos movimentos populares como armadilha para encobrir as intenções neoliberais.

A obra de Luiz Roberto Alves nos alerta para os desafios a serem enfrentados, nos alimenta com argumentos e nos esclarece sobre a relevância que tem o intelectual que se coloca a serviço da democracia, do bem-comum e do trabalho decente. Em sua palavra final, o autor enuncia que na disputa simbólica, cabe a ousadia na gestão dos bens comuns.

Referências

ALVES, de Luiz Roberto, **Trabalho Cultura e bem-comum** (Leitura Crítica Internacional). São Paulo: AnnaBlume, 2008.

ALVES, Luiz Roberto. **Texto** de divulgação, **Blog Alpharrabio**. 2009. <http://blog.alpharrabio.com.br/2009/05/09/trabalho-cultura-e-bem-comum/>, acesso em 28/09/2013.